



PEDREIRA, Frederico. *A lição do sonâmbulo*. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2020.

Paulo Ferreira

University of North Carolina - Chapel Hill, Carolina do Norte/Estados Unidos

paulorf@email.unc.edu

<http://orcid.org/0000-0002-6698-0860>

Através de uma narrativa na primeira pessoa que relata a passagem da infância e adolescência para a vida adulta de uma figura masculina – o alter ego do escritor – que revisita lugares e pessoas do passado, procurando sentidos para a existência, *A lição do sonâmbulo* (2020), de Frederico Pedreira, mistura géneros literários, factos e ficção, e serve igualmente de reflexão intelectual acerca de obras artísticas, como *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, ou os filmes de John Cassavetes e de João César Monteiro, e até de eventos desportivos que marcaram a vida portuguesa, como a final da Taça dos Clubes Campeões Europeus de 1990, entre o Milão e o Benfica.

Conquanto tenha afinidades com romances de formação como *Retrato do artista quando jovem* (1916), de James Joyce, no sentido em que narra a jornada de um protagonista masculino durante os anos formativos até à maturidade, *A lição do sonâmbulo* segue uma estrutura com algumas originalidades, desde logo porque os diferentes capítulos enfocam momentos dispersos do passado e não dependem uns dos outros para o desenrolar da trama, e porque as personagens, existindo exclusivamente a partir da voz do narrador que as descreve, não comunicam entre si. Esta falta de diálogo e de interação entre vozes converte a narrativa num documento que mais se assemelha a uma autobiografia ficcional do que a um romance com peripécias, fracassos e sucessos.

O narrador desta obra vive aprisionado a um círculo de melancolia e saudade, e por isso não espanta que o pretérito imperfeito, ideal para enfatizar o aprisionamento a um mundo de gestos e sentimentos continuamente repetidos, que ficou lá atrás, seja um tempo verbal predominante no relato da

sua autobiografia. Em vários momentos se encontram referências a uma recusa em crescer, a uma “pretensa maturidade que tanto o pai como o meu irmão procuravam inculcar em mim à força de uma máscara de masculinidade”. (PEDREIRA, 2020, p. 13) A rejeição da masculinidade e do crescimento parece estar em parte associada à figura da mãe, hospedeira de bordo, que ocasionalmente aparecia mostrando fotos dos sítios por que passava, assim suscitando “apetência para a vida que ainda nos estava vedada”. (PEDREIRA, 2020, p. 24) Com um pai fisicamente presente, mas mentalmente distante, e uma mãe cuja esporádica presença o inspirava a fantasiar com viagens de avião e lugares desconhecidos, mas não o impedia de chorar aos sábados de manhã (PEDREIRA, 2020, p. 62), o narrador evolui questionando a sua masculinidade e até a sua identidade. Daí manter uma relação obsessiva com o “próprio corpo até à idade adulta”, avistar no espelho dos avós “formas cada vez mais femininas” (PEDREIRA, 2020, p. 59) e comportar-se como um velho, usando uma vara para “vergar deliberadamente o corpo e o meu estado de espírito”. (PEDREIRA, 2020, p. 89)

Os capítulos centrados nas vivências de estudante no Royal Holloway, em Londres, são particularmente relevantes para a análise do perfil psicológico do narrador, na medida em que dão conta da sua incapacidade de se apartar, não propriamente da família e da casa dos avós de Benfica, mas da imagem que guarda de si mesmo, da criança que foi e que não quer deixar de ser. Em Inglaterra, estranhando a nova língua e um ambiente que o aparta do convívio social, o narrador reveste-se de uma “segunda pele”, de uma pessoa que não pode ser como a sua, e repele em si o menino que ainda gostaria que “lhe servissem torradas”. (PEDREIRA, 2020, p. 99) Porém, a consequência de competir com estudantes britânicos e de ser adulto é a febre e a depressão – e a febre, ou a doença, pode aqui ser encarada como uma espécie de delírio ou pulsão subconsciente de regredir no tempo, de embarcar nos sonhos. No fundo, para se tornar académico e escritor, é necessário amadurecer, mas para que tal suceda é preciso que quase tudo em si morra.

Ocupando um espaço híbrido entre ficção e autobiografia, *A lição do sonâmbulo* encontra uma das suas singularidades na forma como a escrita é usada para criar um universo no qual a memória e as sensações que dela advêm assumem papel central. Um dos aspectos que se destacam neste livro é o uso de frases longas, que conferem musicalidade ao texto e arrastam a

memória dos objetos, dos lugares e dos rostos do passado até ao presente. Também o abundante uso de adjetivos acentua contrastes e confere detalhe sensorial a descrições que têm mais de emotivo ou sentimental do que de impressionista. Sobre o pai, por exemplo, refere o narrador que sentia o seu “sangue quente e a pele espessa do rosto mal escanhado”, a sua “maciez reconfortante”, a “face morna de sono” e o “rosto húmido do seu beijo”. (PEDREIRA, 2020, p. 14) Se o pai é visto não só a partir da distância e dos cigarros SG Filtro, mas igualmente a partir das emoções que desperta no filho, o mesmo sucede com outras personagens e até com paisagens, cidades e ruas. O quarto da casa dos avós em Benfica – cheia de bugigangas, cachimbos, jornais antigos e papéis pertencentes ao avô (PEDREIRA, 2020, p. 12) – era “tórrido” nas noites de Verão e “gelado” nas noites de Inverno (PEDREIRA, 2020, p. 16). No terceiro capítulo, simbolicamente intitulado “Verão Azul”, no qual se descrevem as idas à praia de Santo Amaro de Oeiras com a tia Luísa e com o irmão, irrompe um mundo de cores, cheiros e emoções que mantêm o leitor numa dimensão onírica. Fora da casa dos avós, local onde se podia conservar criança, o narrador encontrava o “zurzir das motocicletas”, os “gritos dos pescadores”, as “vítreas cintilações” do “peixe miúdo” (PEDREIRA, 2020, p. 43) e experimentava o prazer das “refrescantes golfadas de tranquilidade, de expansão lenta do corpo” (PEDREIRA, 2020, p. 46). Já com a “intrépida tia Lurdes”, que o levava à praia do Guincho e o mandava mergulhar no “mar gelado”, o narrador sentia-se pequeno e desamparado. (PEDREIRA, 2020, p. 47)

Não é por acaso que a palavra “sonâmbulo” figura no título do livro: o narrador flutua por entre eventos que marcaram a sua meninice, como se esses eventos fossem sonhos dos quais não pretende despertar. Ao mesmo tempo, a tristeza e derrotismo que perpassam os diferentes capítulos cimentam a impressão de que o tempo presente surge na narrativa somente como derrota ou impossibilidade de recuperar o que se perdeu. Curvado perante o avô deitado, que abandona esta vida, o narrador aborda essa impossibilidade afirmando que “mesmo que regressasse por magia aos meus nove anos já não voltaria a ouvir os seus passos pelo corredor alcatifado”. (PEDREIRA, 2020, p. 145) Em suma, poder-se-ia argumentar que, à semelhança da personagem principal de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, descrita por André Aciman (2021, p. 25) como o *homo irrealis*, como o homem que se foca em situações fantasiosas, que se refugia

na imaginação porque o presente não apraz, que idealiza um passado perfeito e realidades alternativas, o narrador de *A lição do sonâmbulo* imerge no passado, sublima êxtases e empola situações que lhe trouxeram felicidade por rejeitar a realidade, a vida adulta, feita de escolhas e obrigações.

Referências

ACIMAN, André. *Homo Irrealis*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2021.

PEDREIRA, Frederico. *A lição do sonâmbulo*. Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 2020.